

Representações na identidade profissional docente de professoras na infância.

Marinalia Lemos Gonçalves Vidal¹

Maria Walburga dos Santos²

RESUMO

Os estudos que contemplam a identidade profissional docente apontam a importância de pensar a forma como ocorre a socialização profissional docente mediante as mudanças sociais, por que tem sido complexa, dinâmica, multifacetada, instável e constituída por concepções e representações. (SILVA, 2013; SILVA, 2015; PRYJMA, 2016, SOUZA, 2022; RODRIGUES & MOGARRO, 2020) A docência das mulheres apresenta muitas dimensões (classe, raça, geracional, alteridade) e o gênero é uma das dimensões, enquanto ocupação feminizada (APPLE, 1999) por tudo isso sofre desigualdades que afetam o desenvolvimento profissional e reflete na construção da profissionalização, no status social, tensionando as relações, porque as mulheres acabam sendo as primeiras vítimas do derrube da democracia. (HARGREAVES, 2003; FREIRE, 1997). Na Infância, a docência das mulheres tem se constituído com uma identidade profissional em interface com as representações sociais da profissão que historicamente foram sendo construídas pautando em expectativas e comportamentos desejados para as mulheres. Na busca de resistir a essas dinâmicas sociais e culturais desejadas, as mulheres professoras têm se posicionado exigindo respeito aos saberes profissionais construídos na profissão, aos conhecimentos científicos adquiridos nos processos formativos e na igualdade nas condições de trabalho profissional docente.

Palavras-chave: Gênero, Identidade Profissional Docente e Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a visibilidade e a consciência sobre o conceito Gênero no espaço escolar foi revelado por um número expressivo de pesquisadoras (SCOTT, 1986; ROSEMBERG, 1996; LOURO, 1997; ROLDÃO, 2004; MOGARRO & MARTINEZ,

¹ Doutoranda no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, especialidade Formação de Professores e Supervisão. marinalia.vidal@ulisboa.pt

² Professor Orientador, titulação Faculdade de Ciências- UF orientador@email.com

2010; BUTLER, 2016; FALQUET, 2013) que visibilizam as experiências das mulheres na sociedade, na profissão, sobretudo das próprias autoras como construtoras de conhecimentos e de ciência, e também nos documentos orientadores da Educação (Gênero e Cidadania, 2017; Gênero e Diversidade na escola, 2007), nas Políticas Públicas como a Agenda 2030, acerca do Desenvolvimento Sustentável (2017), tendo como uma das metas e objetivo a igualdade de gênero e recentemente no relatório da Unesco (2022), que pontua a necessidade de um novo contrato social para a educação. porque ela é a base para a renovação e a transformação de nossas sociedades para se tornarem mais inclusivas.

Com tudo, isso tem sido insuficiente, pois as mulheres não acessam ainda posições que organizam a sociedade em decisões que influenciam no seu cotidiano. (PEREZ, 2020) A exemplo disso, a docência das mulheres na Infância tem sido historicamente uma profissão que sofreu com a exclusão e desvalorização das profissionais em relação a outros segmentos da educação e isso gerou desigualdades que necessitam de correções para o progresso e desenvolvimento da profissão, pois o magistério, pelo menos ao nível primário e infância nasceu e tornou-se como uma ocupação feminina que embora projetou uma ideia de ocupação da mãe e professora, foi também e sobretudo um dos canais de libertação e emancipação da mulher. (GOMES, 2005)

O presente texto enquanto recorte de uma investigação em andamento na universidade de Lisboa, Instituto de educação, na especialidade formação de professores e supervisão, busca compreender a docência das mulheres na educação da infância mais fragilizada e sendo tensionada pelas representações em contextos profissionais, decorrentes de sua condição de mulher com expectativas desejadas como pressuposto para a docência. Nesse sentido a investigação, tem como objetivo geral da investigação: Decorrentes de sua condição de mulher na docência, quais experiências têm sido relevantes para as mulheres na tomada de uma consciência crítica sobre as questões de gênero? Os objetivos Específicos: Como as representações sociais moldam a identidade profissional das professoras mulheres? Quais as diferenças nas representações sociais de mulheres em diferentes espaços (Brasil e Portugal) e fases na profissão docente?

A DOCÊNCIA FEMININA NA INFÂNCIA

Historicamente as professoras da infância no Brasil têm sido afirmada pela identidade de gênero do feminino, que se construiu com heranças históricas do espaço da Educação Infantil, caracterizada por uma atividade de ensino na primeira etapa da educação, como ocupação e profissão para as mulheres, que socialmente engendra a figura definida pela ideia do cuidado materno que contou com pouca valorização e status na sociedade marcando um pensamento conservador, ideológico, de controle político e sobretudo pela procedência da classe média baixa no sociológico. (GARCIA, 1999; VIDAL & PUCCI, 2020)

Para as professoras da infância o acesso ao trabalho assalariado e a independência econômica era uma das principais vias de libertação e no Brasil, para as feministas, a luta pela creche significava, no final da década de 1970, uma das bandeiras para a emancipação. Muitas mulheres, lutando pelo atendimento de necessidades básicas em seus bairros, incluíam a creche na agenda de reivindicações dos movimentos que protagonizaram, entendendo-a como um desdobramento de seu direito ao trabalho e à participação política. Porque, para o movimento feminista a luta trouxe uma crítica ao papel tradicional da mulher na família e a defesa da responsabilidade de toda a sociedade em relação à educação das novas gerações. (FINCO, et al, 2021).

Entretanto para o capitalismo neoliberal, que longe de libertar as mulheres, aprisionou-as em num processo somativo, dentro de outras lógicas, como a politização do feminino, a perspectiva de gênero, a feminização do magistério que foram sendo articulada com outras políticas (o neoliberalismo, a globalização e o neoconservacionismo). (DAGMAR MEYER et al 2022)

Na docência das professoras na Infância, as desigualdades, enquanto ocupação atravessada por gênero, as sujeitam em salários baixos, pouca autonomia e mais responsabilidade social. (APPLE, 1999). Há constantemente a busca de superar o paradigma assistencialista de atendimento às crianças da educação infantil, reivindicando uma identidade profissional com expectativas e necessidades de formação (BORBA, 2013).

Assim a identidade profissional da professora mulher está em permanente tensão e ajuste, num processo de negociação, envolvendo-a numa ideia de competência, mas que se desdobra em situações conflituosas que as fazem refletir sobre a própria profissionalização, porque as mulheres permanecem mais tempo em sala de aula, distância dos espa-

ços de pesquisa acerca de suas práticas, isso afeta o desenvolvimento profissional, ampliação do olhar sobre a docência, que compromete a evolução salarial e a aposentadoria. A identidade profissional docente como campo de compreensão que confere significado ao fazer docente mostra como um campo movediço na medida em que, o desejado e o perfil de professoras muitas vezes está intimamente relacionado com as representações sociais da profissão e nesse caso, da professora na Infância.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA DOCÊNCIA DA INFÂNCIA

A representação existente sobre um grupo social indica-nos a sua posição e a sua distância relativamente ao poder, porque a maneira estereotipada de um grupo influencia na percepção pública sobre ele e afeta sua posição na sociedade. Por isso, as questões associadas a representação social das professoras têm atraído sociólogos e sociólogas da educação e das profissões, considerando que um dos fatores nessa questão é a vulnerabilidade das profissionais frente a pressões de governos e políticas públicas. O modo como as professoras se percebem a si mesmas e são percebidas pelo público depende até certo ponto de como as suas imagens são construídas e amplamente divulgadas. Ana Maria Correia (2009)

O caráter estruturante das representações sociais de feminilidade e de masculinidade na identidade coletiva de mulheres e homens e o fato dessas representações transmitir uma memória coletiva que exerce significados de poder sobre os comportamentos controlando-os tem feito as mulheres criarem diversas formas de resistirem. Maria Teresa Nunes (2007) pontua que os grupos que se organizam e lutam por mudanças sociais devem desafiar representações negativas e buscar uma redefinição de poder e posição na sociedade. Segundo Chartier (1991) as representações impostas pelos que detêm o poder serve para classificar, nomear e nos definir, mas a aceitação ou a resistência é necessário que cada comunidade produza. Abric (1994) enfatiza que as representações sociais desempenham a função de saber, permitindo compreender e explicar a realidade e construir novos conhecimentos. Segundo o autor, orienta e guia os comportamentos e as práticas, definindo os aceitáveis no grupo social; tendo a função identitária, definindo a identidade e situando os indivíduos em seus grupos de pertença o que permite justificar as tomadas de posição e condutas.

Nesse sentido, as representações dos(as) professores(as) e suas memórias que determinam as práticas do cotidiano devem ser pesquisadas e discutidas, pois certamente, influenciam na construção das formas de profissionalização da docência. (CERTEAU,1994)

A partir das representações disponíveis na cultura, a professora da infância pode refletir de modo crítico e problematizar modelos de docência que hierarquizam as mulheres, refletindo as pluralidades atuais, como ingresso dos homens nesse espaço, que buscam considerar outras subjetividades. Acima de tudo, rejeitar o cuidado como obrigação social da mulher que gera tensões na docência com expectativas da maternidade enquanto pressuposto na docência da infância, assumido como um saber fundante na sua prática pedagógica e que enfraquece o processo formativo como imprescindível no desenvolvimento da profissão. Sobretudo, porque a suposta vocação materna como um fator da motivação profissional em que as mulheres foram influenciadas ideologicamente pela cultura a exercer uma docência pela aceitação, proximidade afetiva e o cuidado aos mais novos remete a ideia construída culturalmente do cuidado como natural a mulher e que oculta nuances como o controle da sexualidade feminina. (CORREIA, 2009; MUNRO, 1998; BADINTER, 1980).

Assim, a maternidade como politização do corpo e desejo para a mulher e da professora da infância acabou ofuscando a luta de resistência sobre o papel das mulheres no magistério que representou um grande ponto de partida nas conquistas problematizando os estereótipos de gênero que geravam questionamentos e contestações acerca da capacidade física e intelectual feminina para exercer papéis no mundo do trabalho e esses mesmos estereótipos serviram de fundamentação para o encorajamento em favor de sua libertação profissional através da docência. (MORUZZI, 2022; SEFFNER, 2022; FELIPE, 2022; JUNQUEIRA, 2018)

É preciso problematizar o modelo reatualizado e reificado para a promoção do desenvolvimento infantil em que pressupõe uma matriz familiar cisheteronormativa em que a mulher é posicionada a ensinar e cuidadora privilegiada e nessa lógica a mãe-professora é acionada a realizar e/ou substituir no caso da educação infantil uma infância de qualidade-direito da criança e suprir a incapacidade do Estado que não consegue garanti-la (DAGAMAR MEYER et al, 2022).

A INVESTIGAÇÃO ATUAL

Nesse sentido a investigação realizada no instituto de educação na Universidade de Lisboa, que resulta desse registro, busca compreender como as relações de Gênero (RUBIN,1975; BEAUVOIR,1980; BADINTER,1987; HARDING;1993; BUTLER,1993; AGUIAR,1997; SCOTT,1995; LOURO, 2009), tem sido refletida na docência de mulheres do Brasil e Portugal definindo uma identidade docente (NÓVOA, 1986; DAY, 2006) em que as representações sociais orientam e moldam comportamentos socialmente aceites. (FOUCAULT, 1988; CHARTIER, 2002; ABRIC; 2001) A investigação será realizada por meio de uma abordagem qualitativa, usando o método da Entrevista Narrativa Biográfica (Bauer, 2002; Amado, 2014) com professoras mulheres na Educação do Brasil e Portugal em diferentes etapas de ensino e ciclos na carreira (NÓVOA; 2000; PINEAU, 2011; DELORY-MOMBERGER, 2012; JOSSO, 2020). A construção dos dados será construída com a análise de Conteúdo e a ferramenta Nvivo realizando inferências interpretativas desmembrados em categorias. (CAREGNATO & MUTTI, 2007; BAUER, 2002; AMADO, 2014).

Consideramos que os resultados parciais das primeiras análises apontam o tema gênero pouco refletido na docência, embora recorrente no dia a dia das professoras, porque fixa a sexualidade feminina como expectativa para a docência, tensionando as relações sociais e a divisão sexual do trabalho. As professoras em início de carreira ainda recorrem a representação da maternidade como uma forma de serem aceitas e respeitadas. Essa representação atravessada por sentimentos e comportamentos refletem na construção da profissionalização e professoras em fase intermediária, a percebem como negativa para o status social da profissão. Na tomada de decisões mais crítica, as docentes mais experientes, resistem, exercendo um ativismo como fundante em tempos atuais para a docência, construindo práticas mais respeitadas com a diversidade. (SACKS, 2000)

REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. Power, Meaning, and Identity. [s.l.] **Peter Lang** Us, 1999.

ABRIC. J, C. Prátiqes sociales et representaciones. 1ª edição. **México**, 2001.

Doutoranda no Instituto de Educação de Lisboa, especialidade Formação de Professores

BARRETO, E. S. Trabalho docente e modelos de formação: velhos e novos embates e representações. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 427-443, 2010.

BAUER, M.W. & Gaskell, G. Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: Um Manual Prático. 2ª Edição. **Vozes**, 2002.

BOURDIEU, P. Ce que parler veut dire: L'economie des échanges linguistique. 1ª edição. **Editora da Universidade de São Paulo**, São Paulo. 1996.

BUTLER, J. Problemas de Gênero 1ª edição, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/524671111/Judith-BUTLER-Problemas-de-Genero>

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 679–684, dez. 2006.

DELORY-MOMBERGER. C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Universidade de Paris. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, v.17 n.51, p.523-740, 2012.

FALQUET, J. O Capitalismo financeiro não liberta as mulheres: Análises feministas materialistas e imbricacionistas. Miolo, **Revista crítica Marxista**, n.36, 2013.

FOUCAULT, M. Histoire de la Sexualité I: **La Volonté de savoir**. 13ª edição, 1988.

GARCIA, M. C. Formação de Professores: Por uma prática educativa. **Porto editora**, 1999.

GOMES, A. C. A educação em novas perspectivas sociológicas. 4ª edição. **Editora Pedagógica Universitária**. São Paulo, 2005.

DGE, Guiões de Educação Gênero e Cidadania. Portugal <https://www.dge.mec.pt/guioes-educacao-genero-cidadania>, 2005

HARGREAVES, A. O ensino na sociedade do Conhecimento: A educação na era da insegurança. **Porto Editora**. Tradutor: Jorge àvila de Lima. Portugal, 2003.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.595-609, 2007.

HOOKS, B. *Ain't I a Woman Black Women and Feminism*. by Routledge 711 Third Avenue, New York, NY 10017, 2015.

JOSSO, M. C. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, n.05 v.13, Pp.40-54, 2020.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva Pós-Estruturalista*. **Editora. Petrópolis**, Rio de Janeiro, 1997.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In Priore, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. Edição 9ª. São Paulo, **Contexto**, p.443-481, 2009.

MOGARRO, M. J. & MARTÍNEZ, S. A. Normalistas e meninas de asilo: Origens sociais e percursos de vida no século XIX em Portugal e no Brasil. Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**, n.11, p. 45-54, 2010.

MORUZZI. A. B. O feminismo como pedagogia e inflexões sobre a idéia de Cidadania. **Revista Interações**. Portugal, N(61), p.4-28, 2022.

NÓVOA, A. Profissão professor: Reflexões históricas e sociológicas. **Análise Psicológica**. p.435-456, 1986. Disponível em: https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5229/1/AP-1989_123_435.pdf

NÓVOA, A. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: **Educa**. 2002.

NÓVOA, A. (Org.) *Vida de professores*. **Porto editora**, Portugal, 2007.

ONU. **Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável**. Centro de Informação Regional das Nações Unidas para a Europa Ocidental, 2017. Disponível em: <https://unric.org/pt/materiais>.

PEREZ, C.C. *Mulheres Invisíveis: Como os dados Configuram o mundo feito para homens*. **Relógio d'água**. Lisboa, 2020.

PINEAU, G. Ancoragem de uma política de pesquisa em ciências humanas: histórias das novas profissões socioeducativas em formação. **Revista Brasileira de pesquisa (auto)biográfica**. Salvador, n.05, v.13, p.55-70, 2020. Acessado em <http://dx.doi.org/10.31892/rbpab2525-426x.2020.v5.n13>.

ROLDÃO, M. C. Alonso, L. Ser professor do 1º Ciclo: Construindo a Profissão. Actas das jornadas da prática pedagógica do ensino básico. Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho. **Almedina**, 2004.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação Infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v.96, p. 3-86, 1996. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/814/824>. Acesso em 09 de setembro de 2022.

SACKS, J. The activist professional. **Journal of Educational**. Change 1. p.77–95. Kluwer Academic Publishers. Netherland, 2000.

CADERNOS SECAD 4 Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Brasília -DF. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/pro-nacampo/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SEFFNER, F. FELIPE, J. Educação Gênero e Sexualidade: (Im) Pertinências. **Editora Vozes**, 2022.

SCOTT, J.W. Gênero: Uma categoria de análise histórica útil. **The American Historical Review**, v.91, n.5, p.1053-1075,1986.

UNESCO. Reimaginar nosso futuro juntos. um novo contrato social para a educação. Brasília, Comissão internacional sobre os futuros da educação. **Unesco, fundacion**, 2022.